

COFRE

1

No segundo dia de dezembro de um ano em que um plantador de amendoim da Geórgia mandava na Casa Branca, um dos grandes resorts do Colorado foi destruído pelo fogo. O Overlook foi declarado como perda total. Depois do inquérito, o chefe dos bombeiros de Jicarilla County anunciou que a causa havia sido um defeito na caldeira. O hotel estava fechado para o inverno quando o acidente aconteceu, e havia somente quatro pessoas ali. Três sobreviveram. O zelador durante aquele período fora de temporada, John Torrance, morreu em uma tentativa fracassada — e heroica — de reduzir a pressão do vapor da caldeira, que havia subido desastrosamente por causa de um defeito na válvula de escape.

Dois dos sobreviventes foram a esposa e o filho ainda menino do zelador. O terceiro foi o chef do Overlook, Richard Hallorann, que havia deixado seu trabalho sazonal na Flórida para conferir como andavam os Torrance, por conta do que chamou de um “forte pressentimento” de que aquela família estava com problemas. Os dois sobreviventes adultos ficaram bastante feridos na explosão. Apenas a criança escapou ilesa.

Fisicamente, ao menos.

2

Wendy Torrance e o filho receberam uma indenização da empresa proprietária do Overlook. Não foi enorme, mas garantiu a sobrevivência deles nos três anos em que ela foi obrigada a ficar sem trabalhar devido às lesões na coluna. Seu

advogado disse que, se ela jogasse duro e resistisse, talvez recebesse bem mais, porque a empresa estava doida para evitar que o caso parasse nos tribunais. Mas, assim como a empresa, ela também só queria esquecer aquele inverno desgraçado no Colorado. Acabaria se recuperando, declarou, e foi o que aconteceu, apesar de ter passado o resto da vida atormentada por dores nas costas. As fraturas nas vértebras e nas costelas se curaram, mas jamais deixaram de doer.

Winifred e Daniel Torrance moraram durante algum tempo no centro-sul e depois se mudaram para Tampa. Às vezes, Dick Hallorann — aquele dos fortes pressentimentos — ia de Key West visitá-los. Especialmente para ver o jovem Danny. Eles tinham uma ligação.

No início de uma manhã em 1981, Wendy ligou para Dick perguntando se ele podia vir. Contou que Danny a acordara de noite pedindo que ela não entrasse no banheiro.

Depois disso, ele se recusara a falar qualquer outra coisa.

3

Ele acordou com vontade de mijar. Lá fora soprava um vento forte. Fazia calor — na Flórida quase sempre fazia —, mas ele não gostava do barulho e achava que jamais gostaria. Recordava-lhe o Overlook, onde a caldeira defeituosa havia sido apenas a menor das ameaças.

Ele e a mãe moravam em um estreito apartamento de segundo andar. Danny saiu do pequeno quarto ao lado do da mãe e atravessou a saleta. As rajadas do vento agitavam as folhas da palmeira decrépita ao lado do prédio. Soava como ossos chacoalhando. Eles costumavam deixar a porta do banheiro aberta quando não havia ninguém no chuveiro ou na privada, porque o trinco estava quebrado. Naquela noite a porta estava fechada. Mas não porque sua mãe estava no banheiro. Devido aos ferimentos faciais que sofrera no Overlook, ela agora roncava — um sopro delicado tipo *ssbis-ssbis*, que ele podia ouvir vindo do quarto dela.

Bem, ela a fechou sem querer, só isso.

Ele sabia que não, mesmo naquele momento (ele próprio era dotado de fortes pressentimentos e intuições), mas às vezes era preciso conferir. Às vezes era preciso *ver*. Isso foi algo que ele aprendera no Overlook, em um quarto do segundo andar.

Estendendo o braço que pareceu comprido demais, alongável demais, *desossado* demais, ele girou a maçaneta e abriu a porta.

A mulher do quarto 217 estava lá, como ele sabia que estaria. Sentada nua na privada, com as pernas esticadas e as coxas pálidas e arqueadas. Seus seios verdes pendiam como balões vazios. O tufo de cabelos no baixo ventre era grisalho. Os olhos também eram cinzentos, como espelhos de aço. Ela o viu e seus lábios se contraíram em um sorriso.

Feche os olhos, lhe dissera Dick Hallorann certa vez. *Se vir algo ruim, feche os olhos e diga a si mesmo que aquilo não está ali, e, ao abri-los de novo, terá desaparecido.*

Mas não havia funcionado no quarto 217, quando ele tinha 5 anos, e não funcionaria agora. Ele sabia. Sentia o *cheiro* dela. Cheiro de decomposição.

A mulher — ele sabia seu nome, sra. Massey — se levantou com dificuldade sobre os pés roxos, estendendo a mão para ele. A carne dos braços pendia frouxa, quase escorrendo. Ela sorria como se tivesse visto um velho amigo. Ou, talvez, quando se vê algo apetitoso.

Com uma expressão que podia parecer enganosamente tranquila, Danny fechou a porta com delicadeza e recuou. Ficou observando a maçaneta girar para a direita... esquerda... de novo para a direita... e então parou.

Agora tinha 8 anos, era capaz de pensar racionalmente, mesmo em meio ao terror. Em parte porque, em algum canto profundo de sua mente, esperava por aquilo. Apesar de sempre ter imaginado que seria Horace Derwent quem apareceria. Ou talvez o atendente do bar, aquele que seu pai chamava de Lloyd. Mas deveria ter pensado que seria a sra. Massey, mesmo antes de ter acontecido. Porque, dentre todos os mortos-vivos no Overlook, ela havia sido a pior.

A parte racional de sua mente lhe dizia que ela não passava de um fragmento de pesadelo que o seguira além do sono, através da saleta até o banheiro. Essa parte insistia que, se ele tornasse a abrir a porta, não haveria nada lá. Com certeza não haveria, agora que estava acordado. Mas outra parte sua, a parte *iluminada*, sabia mais do que isso. Ele ainda não estava livre do Overlook. Pelo menos um de seus espíritos vingativos o seguira por todo o caminho até a Flórida. Uma vez ele encontrara aquela mulher esparramada em uma banheira. Ela havia conseguido sair e tentara estrangulá-lo com seus dedos escorregadios — mas terrivelmente fortes. Se ele abrisse a porta do banheiro agora, ela iria terminar o serviço.

Ele arriscou encostar o ouvido na porta. De início não ouviu nada. Em seguida, um ruído fraco.

Unhas cadavéricas arranhavam a madeira.

Danny andou até a cozinha com as pernas dormentes, subiu em uma cadeira e mijou na pia. Em seguida acordou a mãe e lhe disse para não entrar no banheiro porque havia uma coisa ruim lá. Depois, voltou para a cama e se enfiou debaixo das cobertas. Queria permanecer ali para sempre e só se levantar para mijar na pia. Agora que já avisara à mãe, não tinha mais interesse em falar com ela.

Sua mãe sabia o que significava o silêncio dele. Tinha acontecido depois que Danny se aventurara no quarto 217 do Overlook.

— Você falaria com Dick?

Deitado na cama e olhando para ela, fez que sim com a cabeça. A mãe telefonou, apesar de ser quatro da madrugada.

Mais tarde, no dia seguinte, Dick chegou. Trouxe uma coisa consigo. Um presente.

4

Depois que Wendy ligou para Dick — ela fez questão de que Danny a ouvisse —, Danny voltou a dormir. Apesar de já ter 8 anos e estar no quarto ano do colégio, chupava o polegar. Vê-lo fazendo aquilo lhe doía. Ela foi até a porta do banheiro e ficou ali olhando. Estava com medo — Danny a fizera ficar com medo —, mas precisava ir ao banheiro e não tinha nenhuma intenção de usar a pia como Danny fizera. Pensar em como ficaria precariamente equilibrada na beira da bancada, com a bunda sobre a porcelana (mesmo que não tivesse ninguém lá para ver), a fez torcer o nariz.

Segurava em uma das mãos o martelo tirado de sua pequena caixa de ferramentas. Ao girar a maçaneta e abrir a porta do banheiro, levantou-o. O banheiro estava vazio, é claro, mas a tampa da privada estava abaixada. Ela nunca a deixava assim antes de ir dormir, porque sabia que, se Danny fosse ao banheiro no meio da noite, semiadormecido, ia se esquecer de levantá-la e acabar mijando em cima dela. Havia também um cheiro. Ruim. Como se houvesse um rato morto dentro da parede.

Deu um passo para dentro, depois outro. Percebeu um movimento e virou-se, com o martelo levantado, para acertar seja lá quem

(o que)

quer que estivesse se escondendo atrás da porta. Mas era apenas sua sombra. Com medo da própria sombra, zombavam às vezes as pessoas, mas quem teria direito a ter mais medo do que Wendy Torrance? Depois das coisas que

vira e pelas quais passara, ela sabia que as sombras podiam ser perigosas. Podiam ter presas reais.

Não havia ninguém no banheiro, mas havia uma mancha pálida na tampa da privada, e outra na cortina do chuveiro. Excremento, foi o que pensou primeiro, mas merda não era roxo-amarelada. Olhou com mais cuidado e percebeu pedaços de tecido e pele em decomposição. Havia mais no tapete do banheiro, na forma de pegadas. Julgou que eram pequenas demais — *delicadas* demais — para ser de homem.

— Ah, meu Deus — sussurrou.

Acabou usando a pia, no fim das contas.

5

Wendy importunou o filho até que se levantasse, ao meio-dia. Conseguiu fazê-lo tomar um pouco de sopa e comer metade de um sanduíche de manteiga de amendoim, mas depois ele voltou para a cama. Ainda não queria falar. Hallo-rann chegou logo depois das 5 da tarde, ao volante de seu Cadillac vermelho, já velho (mas com manutenção perfeita e polido até ofuscar os olhos). Wendy estivera à janela, olhando e esperando, como um dia tinha olhado e esperado pelo marido, na esperança de que Jack voltasse para casa de bom humor. E sóbrio.

Correu escada abaixo e abriu a porta quando Dick estava prestes a tocar a campainha com a placa TORRANCE, 2A. Ele abriu os braços e ela se atirou neles, desejando se aninhar ali por pelo menos uma hora. Talvez duas.

Ele a soltou e a segurou pelos ombros com os braços esticados.

— Você parece bem, Wendy. Como está o rapazinho? Voltou a falar?

— Não, mas com você ele vai falar. Mesmo que no começo não fale em voz alta, você pode... — Em vez de terminar, ela fez um revólver com o dedo e apontou para a testa dele.

— Não necessariamente — disse Dick. Seu sorriso revelou uma dentadura nova e reluzente. O Overlook havia praticamente destruído a velha na noite da explosão da caldeira. Jack Torrance brandira o taco que quebrara a dentadura de Dick e tornara Wendy incapaz de caminhar sem sentir dor na coluna, mas ambos chegaram à conclusão de que, na verdade, havia sido o Overlook. — O poder dele é muito grande, Wendy. Se ele quiser me bloquear, vai conseguir. Sei por experiência própria. Além disso, é melhor que a gente fale com a boca. Melhor para ele. Agora conte tudo o que aconteceu.

Ela contou e depois o levou ao banheiro. Tinha deixado as manchas para que ele visse, como um policial preservando a cena do crime para a perícia. E *tinha* havido um crime. Um crime contra seu filho.

Dick ficou olhando por um longo tempo, sem tocar, depois balançou a cabeça.

— Vamos ver se Danny já está acordado e alerta.

Não estava, mas o coração de Wendy ficou aliviado pela expressão de felicidade no rosto do filho quando viu quem estava sentado a seu lado na cama, sacudindo-o pelo ombro.

(ei, Danny, eu trouxe um presente para você)

(não é meu aniversário)

Wendy ficou observando os dois, sabendo que conversavam, mas sem saber sobre o quê.

— Levante, querido — disse Dick. — Vamos dar uma volta na praia.

(Dick, ela voltou. A sra. Massey, do quarto 217, voltou)

Dick sacudiu de novo seu ombro.

— Fale em voz alta, Dan. Você está assustando sua mãe.

— Qual é meu presente? — perguntou Danny.

Dick sorriu.

— Assim está melhor. Gosto de ouvir você, e Wendy também.

— Sim. — Foi só o que ela ousou dizer. Do contrário, perceberiam sua voz trêmula e se preocupariam. Não queria isso.

— Enquanto a gente estiver fora, você talvez queira limpar o banheiro — disse Dick para ela. — Tem luva de plástico?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Ótimo. Use.

6

A praia ficava a quase 3 quilômetros dali. O estacionamento estava rodeado de atrações espalhafatosas da orla — quiosques de bolinhos fritos, carrocinhas de cachorro-quente, lojas de lembrancinhas —, mas era final de estação, e as vendas estavam fracas. Eles tinham a praia praticamente inteira só para eles. Durante o percurso desde o apartamento, Danny segurou seu presente — um embrulho retangular, bastante pesado, envolto em papel prateado — no colo.

— Pode abrir depois que conversarmos um pouco — disse Dick.

Eles caminharam perto da água, na faixa em que a areia era dura e luzidia. Danny andava devagar porque Dick já estava bem velho. Um dia morreria. Talvez até em breve.

— Ainda aguento alguns anos — disse Dick. — Não se preocupe com isso. Agora conte sobre ontem à noite. Conte tudo.

Não levou muito tempo. A parte difícil era encontrar palavras para explicar o terror que ele sentia agora, e como esse terror se mesclava à certeza sufocante: agora que ela o encontrara, nunca mais o deixaria. Mas como se tratava de Dick, não precisava de palavras, apesar de ter encontrado algumas.

— Ela vai voltar. Eu sei que vai. Vai voltar e voltar até conseguir me pegar.

— Lembra quando nos conhecemos?

Apesar de surpreso com a mudança de assunto, Danny fez que sim com a cabeça. Havia sido Hallorann quem levava ele e os pais na visita guiada do primeiro dia no Overlook. Parecia fazer muito tempo.

— E você se lembra da primeira vez em que falei dentro da sua cabeça?

— Com certeza.

— O que eu disse?

— Perguntou se eu queria ir para a Flórida com você.

— Certo. E como se sentiu quando percebeu que não estava mais sozinho? Que não era o único?

— Foi legal — disse Danny. — Muito legal.

— Sim — disse Hallorann. — Claro que foi.

Eles caminharam em silêncio durante algum tempo. Passarinhos — piu-pius, como a mãe de Danny os chamava — entravam e saíam depressa das ondas.

— Você nunca estranhou que eu sempre aparecia quando você precisava de mim? — Dick baixou os olhos para Danny e sorriu. — Não, não estranhou. Por que estranharia? Você não passava de uma criança, mas agora está mais velho. *Muito* mais velho, em certo sentido. Escute, Danny. O mundo tem uma maneira de manter o equilíbrio das coisas. Acredito nisso. Existe um ditado que diz que quando o aluno está pronto, o mestre aparece. Eu fui seu mestre.

— Foi muito mais do que isso — disse Danny, pegando a mão de Dick. — Foi meu amigo. Você salvou a gente.

Dick ignorou essa parte ou pareceu ignorar.

— Minha avó também era iluminada. Lembra que lhe contei?

— Sim. Você disse que vocês conversavam um tempão sem nem ter que abrir a boca.

— É verdade. Ela me ensinou. E foi a *bisavó* dela quem a ensinou, lá no tempo da escravidão. Um dia, Danny, será sua vez de ser o mestre. O discípulo virá.

— Se a sra. Massey não me pegar antes — disse Danny melancolicamente. Eles chegaram a um banco. Dick se sentou.

— Não quero andar mais, senão depois não consigo andar de volta. Sente aqui do meu lado. Quero lhe contar uma história.

— Não quero ouvir histórias — falou Danny. — Ela vai voltar, não entende? Vai *voltar e voltar e voltar*.

— Fique quieto e ouça. Aprenda algumas coisas. — Então Dick sorriu, mostrando a nova dentadura reluzente. — Acho que vai entender. Você está longe de ser burro, querido.

7

A mãe da mãe de Dick — a iluminada — morava em Clearwater. Era a Vovó Branca. Não por ser caucasiana, claro, mas porque era *boa*. O pai de seu pai morava em Dunbrie, no Mississippi, uma comunidade rural não muito distante de Oxford. Sua mulher tinha morrido muito antes de Dick nascer. Para um sujeito de cor, naquela época e naquele lugar, ele era rico. Possuía uma funerária. Dick e seus pais o visitavam quatro vezes por ano, e o jovem Dick Hallorann detestava aquelas visitas. Tinha pavor de Andy Hallorann e o chamava — apenas em sua cabeça, já que falar isto em voz alta lhe valeria uma surra — de Vovô Preto.

— Já ouviu falar em pedófilos? — perguntou Dick. — Sujeitos que gostam de fazer sexo com crianças?

— Mais ou menos — disse Danny com cautela. Ele sabia que não devia falar com estranhos e jamais entrar no carro de um deles. Porque podiam fazer coisas com ele.

— Bem, o velho Andy era mais do que pedófilo. Também era um sádico desgraçado.

— O que é isso?

— Alguém que gosta de causar dor.

Danny fez um gesto de cabeça, demonstrando que havia compreendido de imediato.

— Como Frankie Listrone, do colégio. Ele bate e machuca as outras crianças. Se não consegue fazer você chorar, ele para. Se consegue, não para *nunca*.

— Isso é ruim, mas meu avô era pior.

Dick caiu em algo que a um passante pareceria silêncio, mas a história se desdobrava em uma série de imagens e frases para interligá-las. Danny viu o Vovô Preto, um sujeito alto em um terno tão preto quanto ele, usando um chapéu (*fedora*)

diferente na cabeça. Percebeu que havia sempre gotículas de cuspe nos cantos de sua boca e que seus olhos eram avermelhados, como se ele estivesse cansado ou tivesse acabado de chorar. Viu como ele pegava Dick — mais novo do que Danny agora, provavelmente da mesma idade que ele tinha naquele inverno no Overlook — no colo. Se não estivessem sozinhos, era provável que só fizesse cócegas. Mas, se estivessem, colocava a mão entre as pernas de Dick e apertava seu saco até ele achar que ia desmaiar de dor.

— Gostou? — dizia vovô Andy, bufando na sua orelha. Cheirava a cigarro e uísque escocês White Horse. — Claro que sim, todo garoto gosta. Mas mesmo que não goste, nem um pio. Se falar, eu machuco você. Queimo você.

— Caramba — disse Danny. — Isso é nojento.

— Havia outras coisas também — Nick disse —, mas só vou lhe contar uma. Vovô tinha uma empregada para ajudar em casa, depois que sua mulher morreu. Ela fazia a limpeza e cozinhava. Na hora do jantar, botava tudo na mesa de uma vez, desde a salada até a sobremesa, porque era assim que o velho Vovô Preto gostava. A sobremesa era sempre bolo ou pudim. Ficava em um prato ou um potinho ao lado do prato de comida, para a gente ficar olhando e desejando o doce enquanto comia aquela lavagem. A regra do vovô era que se podia *olhar* a sobremesa, mas *comer* só depois de ter acabado com cada pedacinho de carne frita, verduras cozidas e purê de batata. Tinha até que limpar totalmente o molho embolotado e meio sem gosto. Se eu não comesse tudo, Vovô Preto me entregava um pedaço de pão e dizia: “Limpe com isso aqui, Sabiá, deixe esse prato brilhando como se tivesse sido lambido por um cachorro.” Era assim que ele me chamava: Sabiá.

“Às vezes eu não conseguia terminar de jeito nenhum, e aí não ganhava bolo nem pudim. Ele mesmo pegava e comia. E às vezes, até quando eu *consequia* terminar o jantar, descobria que ele tinha apagado uma guimba de cigarro no meu pedaço de bolo ou pudim de baunilha. Ele fazia isso porque sempre se sentava do meu lado. Fazia como se fosse uma grande brincadeira. ‘Opa, errei o cinzeiro’, dizia ele. Minha mãe e meu pai nunca impediram, embora devessem saber que, mesmo sendo uma brincadeira, não era certo fazer aquilo com uma criança. Eles também fingiam que era uma piada.”

— Isso é horrível — disse Danny. — Seus pais deviam ter defendido você. Minha mãe faz isso. Meu pai teria feito, também.

— Eles tinham medo dele. E tinham razão para isso. Andy Hallorann era mau, muito mau. Dizia “vamos, Sabiá, coma as beiradas, não vai lhe fazer mal”. Se eu comesse uma garfada, ele mandava Nonnie, esse era o nome da empregada, me trazer outra sobremesa. Se eu não comesse, aquilo ficava ali. E ficava de um jeito que me deixava tão enjoado que eu nem conseguia terminar de jantar.

— Você devia ter empurrado o pudim ou o bolo para o outro lado — disse Danny.

— Tentei fazer isso, claro. Não era bobo. Mas ele empurrava de volta, dizendo que a sobremesa ficava à direita. — Dick fez uma pausa, com o olhar perdido no mar, onde um barco branco e comprido avançava preguiçosamente a linha divisória entre o céu e o Golfo do México. — Às vezes, quando me pegava sozinho, ele me mordia. E uma vez, quando eu disse a ele para me deixar em paz senão ia contar para meu pai, ele encostou um cigarro aceso na sola do meu pé e disse: “Conta isso para ele também, para ver o que acontece. Seu papai já conhece meu jeito e nunca vai fazer nada, porque é cagão e quer o dinheiro que tenho no banco quando eu morrer, coisa que não pretendo fazer tão cedo.”

Danny ficou ouvindo de olhos arregalados, fascinado. Sempre achara a história de Barba Azul a mais pavorosa de todas, a mais pavorosa possível, mas aquela era pior. Porque era verdadeira.

— Às vezes, ele falava que conhecia um sujeito mau chamado Charlie Manx, e que se eu não fizesse o que ele queria, bastava uma ligação interurbana para que Charlie viesse me buscar no seu carro luxuoso e me levasse para um lugar onde ficavam as crianças más. Depois vovô botava a mão entre minhas pernas e começava a apertar. “Você não vai abrir o bico, Sabiá. Se abrir, o velho Charlie vai vir pegar e prender você com as crianças que ele roubou, até você morrer. E quando você morrer, vai para o inferno, e seu corpo vai queimar para sempre. Porque você bateu com a língua nos dentes. Não importa se as pessoas acreditam ou não. Delação é delação.”

“Acreditei por muito tempo no velho filho da mãe. Não contei nem à minha Vovó Branca, a iluminada, porque pensei que ela acharia que a culpa era minha. Se eu fosse mais velho, teria entendido melhor as coisas, mas eu era só um garoto.” Fez uma pausa. “Tinha outro motivo também. Sabe qual, Danny?”

Danny olhou muito tempo para o rosto de Dick, sondando as imagens e pensamentos por trás de sua fronte. Finalmente ele respondeu:

— Você queria que seu pai ficasse com o dinheiro. Mas ele nunca ficou.

— Não. Vovô Preto deixou tudo para um orfanato de crianças negras no Alabama, e aposto que sei por quê. Mas isso não vem ao caso.

— E sua avó boa nunca soube? Nunca adivinhou?

— Ela sabia que havia *alguma coisa*, mas eu bloqueava isso, e ela me deixava quieto. Só me dizia que, quando eu estivesse pronto para falar, ela estaria pronta para me ouvir. Danny, quando Andy Hallorann morreu de derrame, eu me senti o menino mais feliz do mundo. Minha mãe disse que eu não precisava ir ao enterro, que podia ficar com minha avó Rose, minha Vovó Branca, se quisesse, mas eu queria ir. Pode apostar que eu queria. Queria ter certeza de que o velho Vovô Preto tinha morrido mesmo.

“Choveu naquele dia. Todo mundo ficou junto em volta da cova, debaixo de guarda-chuvas pretos. Eu olhei o caixão — o maior e melhor de sua funerária, com certeza — ser enterrado, pensando em todas as vezes que ele apertou meu saco, em todas as guimbas que enfiou no meu bolo, no cigarro que encostou no meu pé e em como ele dominava a mesa do jantar igual àquele rei velho, naquela peça de Shakespeare. Mas, mais que tudo, pensei em Charlie Manx, um homem que vovô com certeza inventou, para quem ele nunca mais ia poder ligar e mandar me pegar no meio da noite em seu carro de luxo, e me levar para ficar com os meninos e as meninas que tinha roubado.

“Dei uma espiada da beirada da sepultura — ‘Deixa o garoto olhar’, disse meu pai quando minha mãe tentou me puxar para trás — e vi o caixão lá no fundo daquele buraco molhado, pensando, ‘Aí embaixo, você está sete palmos mais próximo do inferno, Vovô Preto, e logo, logo você vai estar lá, e espero que o diabo lhe dê mil apertos com sua mão em fogo’.”

Dick enfiou a mão no bolso da calça e tirou um maço de Marlboro com uma caixinha de fósforos enfiada sob o papel celofane. Pôs um cigarro na boca e precisou persegui-lo com o fósforo porque as mãos tremiam, e os lábios também. Danny ficou pasmo ao ver que Dick estava com os olhos cheios de lágrimas.

Agora, sabendo para onde se encaminhava a história, Danny perguntou:

— Quando foi que ele voltou?

Dick tragou profundamente o cigarro e soltou a fumaça em meio a um sorriso.

— Você não precisou espionar minha cabeça para descobrir isso aí, não foi?

— Não.

— Seis meses depois. Um dia eu cheguei do colégio e ele estava deitado nu na minha cama com o pau meio apodrecido e todo esfolado. “Vem sentar

em cima dele, Sabiá. Se você me der uma volta, eu lhe darei *duas*”, disse. Eu gritei, mas não tinha ninguém ali para ouvir. Meu pai e minha mãe estavam trabalhando, minha mãe em um restaurante e meu pai em uma gráfica. Saí correndo e bati a porta. E ouvi Vovô Preto se levantando... *tum...* atravessando o quarto... *tum-tum-tum...* e o que ouvi depois...

— Unhas — disse Danny, em uma voz falhada. — Unhas arranhando a porta.

— Isso mesmo. Só entrei naquela noite depois que minha mãe e meu pai chegaram. Ele tinha ido embora, mas havia deixado... restos.

— Com certeza. Igual no nosso banheiro. Porque ele estava apodrecendo.

— Certo. Eu mesmo troquei os lençóis da cama, coisa que eu sabia fazer porque minha mãe tinha me ensinado dois anos antes. Ela disse que eu já estava muito velho para precisar de uma babá, que babás eram para os menininhos e menininhas brancas de quem ela cuidava antes de conseguir o serviço de recepcionista na churrascaria Berkin's. Uma semana depois, mais ou menos, vi o velho Vovô Preto no parque, sentado em um balanço. Estava de terno, mas todo coberto de um negócio cinzento. O mofo que dava lá embaixo no caixão, acho.

— Sim — sussurrou Danny. Era só o que conseguia fazer.

— Mas estava de braguilha aberta, com o troço para fora. Sinto muito lhe contar isso tudo, Danny. Você é muito novo para ouvir essas coisas, mas precisa saber.

— Então você foi ver a Vovó Branca?

— Tive que ir. Porque eu sabia o que você também sabe agora: ele não ia parar de voltar... Não era como... Danny, você já viu gente morta? Gente morta *normal*, quer dizer. — Ele riu porque aquilo soava engraçado. Danny também riu. — Fantasmas.

— Algumas vezes. Uma vez havia três deles em um cruzamento na estrada de ferro. Dois garotos e uma garota. Adolescentes. Acho... que talvez tenham morrido ali.

Dick assentiu com a cabeça.

— Geralmente eles ficam onde passaram para o outro lado, até se acostumarem à morte e seguirem adiante. Algumas pessoas que você viu no Overlook eram desse tipo.

— Eu sei. — O alívio de poder falar dessas coisas para alguém que *entendia* era indescritível. — E teve outra vez em que vi uma mulher em um restaurante. Daqueles que têm mesas do lado de fora.

Dick assentiu de novo.

— Essa não era transparente, mas ninguém mais a viu, e quando uma garçonete empurrou para dentro a cadeira em que ela estava sentada, a fantasma sumiu. Você também vê, às vezes?

— Faz anos que não vejo um. Mas você é mais iluminado do que eu era. Essa coisa diminui um pouco com a idade...

— Que bom — disse Danny, animado.

— ... mas você ainda vai ter muitos quando for mais velho, eu acho, por ter começado com tanta força. Os fantasmas normais não são como a mulher que você viu no quarto 217 e no seu banheiro. Isso é certo, não é?

— Sim — disse Danny. — A sra. Massey é *de verdade*. Ela deixa pedaços do corpo. Você viu. Mamãe também... e ela não é iluminada.

— Vamos voltar — disse Dick. — Já é hora de você ver o que eu lhe trouxe.

8

A volta ao estacionamento foi ainda mais lenta, porque Dick estava cansado.

— Cigarro. Nunca comece a fumar, Danny.

— Mamãe fuma. Ela acha que não sei, mas eu sei. Dick, o que sua Vovó Branca fez? Ela deve ter feito alguma coisa, porque seu Vovô Preto nunca pegou você.

— Ela me deu um presente, igual ao que eu vou lhe dar. É isso que o mestre faz quando o aluno está pronto. Aprender é o presente, sabe? O melhor presente que alguém pode dar ou receber.

“Ela não chamava vovô Andy pelo nome, só o chamava”, Dick abriu um sorriso, “de *prevertido*. Eu disse a ela o que você disse, que ele não era um fantasma, era real. Ela disse que sim, que era verdade, porque eu estava *tornando* ele real. Com o poder da iluminação. Ela disse que alguns espíritos — espíritos raivosos, a maioria — não deixam este mundo porque sabem que aquilo que os espera é pior. A maioria acaba sumindo de inanição, mas alguns encontram o que comer. ‘A iluminação é isso para eles, Dick’, me falou ela. ‘Comida. Você está alimentando esse prevertido. Não de propósito, mas está fazendo. Ele é como um mosquito que fica rodeando e depois pousa para chupar mais sangue. Não há nada que se possa fazer. Só o que você *pode* fazer é virar aquilo que ele veio buscar contra ele”.

Estavam de volta no Cadillac. Dick abriu a porta e se enfiou atrás do volante com um suspiro de alívio.

— Já teve época em que eu conseguia andar 13 quilômetros e correr mais oito. Hoje em dia, se faço uma caminhadazinha na praia, parece que levei um coice de cavalo nas costas. Vamos, Danny. Abra seu presente.

Danny abriu o papel prateado e descobriu uma caixa de metal, pintada de verde. Na frente, sob o trinco, havia um pequeno teclado.

— Ei. Que legal!

— É? Gostou? Comprei no Western Auto. Puro aço americano. A que vovó Rose me deu tinha um cadeado, com uma chavinha que eu carregava no pescoço, mas isso foi há muito tempo. Agora estamos em 1980 e tantos da idade moderna. Está vendo o teclado? Você escolhe cinco números que você tem certeza de que não vai esquecer, depois aperta a tecla que diz SENHA. Aí, toda vez que você quiser abrir a caixa, digite sua senha.

Danny ficou encantado.

— Obrigado, Dick! Vou guardar minhas coisas legais aí. — Isso queria dizer as figurinhas de beisebol, seu distintivo de lobinho dos escoteiros, sua pedra verde da sorte, a foto dele e do pai tirada no gramado da frente do prédio onde moravam em Boulder, antes do Overlook. Antes de as coisas terem ficado ruins.

— Ótimo, Danny, faça isso, mas também outra coisa.

— O quê?

— Quero que passe a conhecer essa caixa de cabo a rabo. Não olhe apenas; toque. Toque todo canto dela. Depois enfie o nariz lá dentro e sinta que cheiro tem. Ela precisa se tornar sua melhor amiga, pelo menos por um tempo.

— Por quê?

— Porque você vai colocar outra igual a essa dentro de sua cabeça. Até mais especial. E, da próxima vez que aquela cadela da Massey aparecer, você vai estar preparado para ela. Vou lhe contar como, assim como Vovó Branca me contou.

Danny não falou muito na viagem de volta ao apartamento. Tinha muita coisa em que pensar. Ficou segurando no colo o presente — um cofre feito de metal reforçado.

9

A sra. Massey reapareceu uma semana depois. Ela estava no banheiro de novo, dessa vez na banheira. Danny não ficou surpreso. Afinal, ela morrera em uma

banheira. Daquela vez, ele não correu. Daquela vez, ele entrou no banheiro e fechou a porta. Ela acenou para ele se aproximar, sorrindo. Danny chegou mais perto, também sorrindo. Eu ouvia a televisão no cômodo ao lado. Sua mãe estava assistindo a *Um é pouco, dois é bom e três é demais*.

— Olá, sra. Massey — disse Danny. — Eu tenho uma coisa para você. No último segundo, ela compreendeu e começou a gritar.

10

Momentos depois, sua mãe estava batendo na porta do banheiro.

— Danny? Você está bem?

— Tudo bem, mãe. — A banheira estava vazia. Havia uma gosma na louça, mas Danny achou que podia limpá-la. Um pouco de água levaria aquilo direto para o ralo. — Você quer usar o banheiro? Eu já vou sair.

— Não. Eu só... Eu pensei ter ouvido você chamar.

Danny pegou sua escova de dentes e abriu a porta.

— Estou totalmente bem. Viu? — Ele abriu um grande sorriso para ela.

Não foi difícil, agora que a sra. Massey tinha desaparecido.

A expressão preocupada no rosto dela se desfez.

— Bom. Vê se escova os dentes de trás. É lá que os restos de comida ficam.

— Vou escovar, mãe.

Em sua cabeça, bem no fundo, onde o gêmeo de seu cofre especial estava guardado em uma prateleira especial, Danny ouvia gritos abafados. Ele não se importou. Pensou que aquilo pararia logo, e tinha razão.

11

Passados dois anos, na véspera do feriado de Ação de Graças, no meio de uma escadaria deserta do colégio Alafia Elementary, Horace Derwent apareceu para Danny Torrance. Havia confete sobre os ombros de seu terno. Uma pequena máscara negra pendia de uma das mãos decompostas. Ele fedia a túmulo.

— Bela festa, não é? — perguntou.

Danny se virou e se afastou bem depressa.

Depois que as aulas acabaram, ligou para Dick no restaurante em Key West onde ele trabalhava.

— Mais um da turma do Overlook me encontrou. Quantas caixas cabem, Dick? Na minha cabeça, quer dizer.

Dick deu uma risadinha.

— Quantas forem necessárias, querido. Essa é a beleza da iluminação. Você acha que meu Vovô Preto foi o único que tive que trancafiar?

— Eles morrem lá dentro?

Dessa vez não houve risadinha. Dessa vez havia uma frieza na voz de Dick que o menino nunca ouvira antes.

— Isso importa?

Não importava para Danny.

Quando o antigo dono do Overlook apareceu de novo, logo após o Ano-Novo — dessa vez no armário do quarto de Danny —, o menino estava preparado. Ele entrou no armário e fechou a porta. Logo depois, um segundo cofre imaginário foi colocado na prateleira alta de sua mente, ao lado do que continha a sra. Massey. Houve mais barulho e alguns xingamentos criativos que Danny gravou para usar depois. Aquilo não demorou a parar. Fez silêncio no cofre de Derwent, como no da sra. Massey. Se estavam vivos ou não (de sua maneira fantasmagórica), não importava mais.

O que importava é que nunca mais saíam. Ele estava seguro.

Pelo menos foi o que pensou naquela época. É claro, ele também pensou que jamais tocaria em bebida alguma, não depois de ver o que ela fizera com seu pai.

Às vezes a gente entende tudo errado.